

(ANTI)MANIFESTOS CIBERCULTURAIS

Alexandre Luiz Polizel¹
Fabiana Gomes²
Moises Alves de Oliveira³

Manifestar... operar declarações em público com o intuito a alguma finalidade. Em tal situação é dificultoso enunciar se temos por intuito elaborar aqui um manifesto, ou um anti-manifesto. Se dizemos, isto é, por não termos tão claro o quanto intencionamos uma finalidade com o dossiê *Ciberculturas, educação e complexidade: pedagogias culturais e os laboratórios nas virtualidades*, ou se nossa intencionalidade consiste em mobilizar os pensamentos e as experiências por meio destas escritas – que criam perspectos e perspectivas para nossos olhares. Deixamos, então, aos leitores a opção de classificar este escrito como um manifesto ou um anti-manifesto.

Todavia, temos algo a dizer: *nos preocupamos, e que ótima é a preocupação! Ela nos movimenta!* Gostaríamos de compartilhar o que nos preocupa antes-durante-após as analíticas trazidas nos textos apresentados nesta coletânea.

Uma de nossas preocupações é a amplitude de potência que as ciberculturas nos criam. A criação de múltiplos espaços nos remetem a múltiplas experiencialidades possíveis – a isto demos o nome de laboratórios, os espaços em que experimentamos, com maior ou menor grau de controle. Os ciberespaços nos possibilitaram o reconhecimento do Eu, do Outro e do Nós como membros de uma inteligência coletiva. Espaços em que todos podem enunciar seus escritos, imagens, figuras, audiovisuais, bem como a hipertextualidade destes. Espaços em que todas e todos reconhecem-se como portadores de saberes a serem enunciados e valorizados. É o espaço em que o Eu, o Outro e o Nós pode – e deve – falar: reconhecem-se como sujeitos do (re)conhecimento.

A possibilidade de fala em acompanhar a possibilidade de escuta, do compartilhar, se remete ao estar conectado. Compartilhamento, conexão e

¹ Professor no Departamento Acadêmico de Humanidades da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, campus Campo Mourão. Doutorando e mestre em Ensino de Ciências e Educação Matemática pela Universidade Estadual de Londrina. Licenciado em Ciências Biológicas (UEM) e Filosofia (UNAR). E-mail: alexandre_polizel@hotmail.com

² Professora no Instituto Federal de Goiás, campus Uruaçu. Doutora em Ensino de Ciências e Educação Matemática pela Universidade Estadual de Londrina. E-mail:

³ Professor no Departamento de Química da Universidade Estadual de Londrina. Coordenador do Grupo de Estudos Culturais das Ciências e das Educações. E-mail: Moises@uel.br

conectividade tornam-se conceitos constantes e repetidamente enunciados em um cenário de *Cibercultura*. As chamadas minorias passam a encontrar-se, transpassando o mecanismo *interditor* da segregação espaço-temporal; passam a reconhecer-se e a indagar sobre a possibilidade de sua existência não mais como diferente, e sim como diferenças que rompem com qualquer idealização ou desejo de identidade anunciada. Reconhecem-se como sujeitos de existência.

Esta possibilidade do falar, ver e presenciar produz muitas informações. Criam-se BigDats com a possibilidade de armazená-las, processá-las e disponibilizá-las. Os enunciados tornam-se compartilháveis, e o desejo de democratizar as informações e seus acessos tornam-se mais próximos: seja como textos, vídeos, áudios ou outras figurações. Reconhece-se a possibilidade de acessar informações.

Compartilham-se saberes, Eu's e Informações, são compartilhadas vidas e possibilidades de negociar os modos de existência. Índícios de pluralidades e multiplicidades – *aliás, estas palavras não param de sair das nossas bocas no tempo presente*.

Trataríamos tais aspectos como uma *Bio-prospecção*, conceito que deriva de nossas proximidades com as biológicas. A Bio-prospecção consiste em uma procura, investigação, análise e sistematização por organismos, genes, enzimas, compostos, substratos, anatomias... componentes que provém dos seres vivos, das vidas.

Inspirados por um espírito positivo poderíamos dizer que foram avanços, não!? Todavia, os espíritos positivos não nos agradam, são rançosos e sabemos o que produziram no trajeto histórico. *Nós, vos diríamos, que as Bio-prospecções são permitidas e incentivadas pelo seu interesse econômico!*

Na instauração da inteligência coletiva, das possibilidades da fala de todas e todos, olhamos com desconfianças:

- 1) A coletividade presente que sinaliza um *Grande Eu, um Meta-Eu, o Eu personificado no Grupo*. Seria possível então falar em coletivos? Ou a possibilidade de falar estaria composta pela possibilidade de Eu falar por outro corpo, solubilizado na 'superação' do corpo-orgânico pelo ciberespaço? Os Outros, as diferenças estão autorizadas a falar, ou o Eu é quem fala? Arriscamos dizer que podemos estar vivendo em um inferno do igual, em que a distância se superou em tamanha intensidade que apenas a proximidade vigora;

- 2) Quando todos e todas falam alguém escuta? Ou colocamo-nos em uma cacofonia demasiada? Para quem falamos? A nós mesmos? Talvez enunciemos à uma multidão que não escuta em meio a tanto barulho, podendo ela apenas comentar, reagir ou compartilhar aquilo que se sintam identificadas em seus avatares. Não é estranho que falemos tanto em *Locais de fala*, mas pouco enunciamos acerca de *Locais de escuta*?
- 3) Se todos falam, temos por intuito um compartilhamento por vias de reconhecimento de todos como membros da inteligência coletiva? Ou falamos buscando nos encontrar em meio à Multidão? Ser notados em espaços que poucos se notam? Ou alimentar bancos de dados que por cruzamento de enunciações pode nos oferecer produtos de acordo com nossas personalidades?

Buscamos trazer ao tema outra frase constantemente falada, mas pouco ouvida e investigada: O que pode a fala?

Isso nos conduz a outra reflexão, que temos por necessidade colocar em pauta, a questão dos reconhecimentos no ciberespaço. Os grupos minoritários se agrupam e colocam-se como aqueles que conclamam pela legitimidade de sua existência, visto que foram segregados, excluídos, interditados e tornados corpos matáveis no curso histórico – *grupos que buscam o sim às várias formas de existir*. Todavia, pululam nas redes grupos reacionários, conservadores, neofascistas que buscam a reinstalação de um *status quo* em que os mesmos continham e gozavam com os privilégios da *normalidade* – *grupos que se esforçam em dizer não às várias formas de existir, ou que estas outras formas existam como diferentes, abjetas, matáveis e segregadas*. Reconhecem-se quem diz *Sim* às diversidades de modos de existência e as buscam, mas reconhecem-se também aqueles que dizem *Não* e buscam neutraliza-las – para não usar outro termo.

Reiteramos então, com algumas adaptações: O que pode o reconhecimento?

Como terceiro ponto de reflexão, a democratização das informações também nos interessam. Estamos de fato jogados ao mar das informações. São muitas e muito rápidas, fluidas e em fluxo, a cada braçada não conseguimos toca-las. Em meio a tal mar estamos correndo o risco de cansarmos e sermos afogados em meio destas, ou levados por elas. Mal consegue-se distinguir o que são informações passadas pelo

crivo de critérios de verificação – sejam crivos artísticos, filosóficos ou científicos. Como sobre-viver ao mar?

Mas esta é apenas uma das problemáticas, temos outra: as informações são muitas, e também muito rápidas. Nesta velocidade é possível processá-las se não formos máquinas? É possível ruminar a informação para digeri-la em conhecimentos e saberes, sentidos e significados? É um risco que corremos, de tornarmos-nos máquinas, e das piores – aquelas que apenas funcionam para produzir produtos de interesses econômicos.

Então, mais uma vez nos perguntamos: O que pode a informação?

Existiriam vários outros pontos que poderíamos trazer neste texto como a exemplo os avanços que foram possíveis nas ciências e educações em meio a tempos das *Ciberculturas*; também como estas produziram um descrédito às ciências e um sucateamento das educações. Poderíamos discutir como as *Ciberculturas* ampliaram as possibilidades de reconhecimento de outros modos de ver, pensar, aprender e existir; também como estas produziram Guerras culturais. Poderíamos discutir como nas *Ciberculturas* criaram-se redes de acolhimento para as diversidades e proteção contra as violações de Direitos Humanos; e como criaram-se milícias virtuais de eliminação do Outro.

Podemos... *E que sejam discutidas: o que podem as Ciberculturas e suas trações nas ciências, educações e complexidades? Eis nosso (Anti)Manifesto!*